

ASSIGNATURAS

TAVIRA, anno 1\$100 réis.
CONTINENTE e ILHAS, anno
1\$200 réis. COLONIAS e ES
TRANGEIRO, accresce o porte
do correio.

Avulso no dia da publica-
ção, 20 réis. Os Srs. assignan-
tes teem o direito a um des-
conto de 25 0/0 nas suas pu-
blicações.

O COMBATE

Publicações e annuncios

Primeira 60 réis
cada pagina e terceira
pagina 20 réis
Anuncios de 1º d'un
numero
Os artigos enviados a
esta redacção não serão de-
volvidos.

Como principio o direito,
como meio a liberdade, e a humanidade por fim

Proprietario — ROQUE FÉRIA

Independencia,
Imparcialidade, Justiça e Lei

TAVIRA

O COMBATE

(*)

VENDE-SE em Lisboa na Li-
vroria Internacional, rua do Ar-
senal, 96.

As aguas do Guadiana, a mise-
ria da classe piscatoria e o
nosso dever.

Poucas palavras sobre o rendi-
mento ao Estado, da mina de cobre
de S. Domingos de Cambas, e pre-
juizos no Guadiana, causado pelas
aguas mineiras, e a miseria em casa
dos proprietarios, marginaes do Chan-
ça e Guadiana, e da classe piscatoria,
e o abuso dos potentados, e auctori-
dades.

Copia. — Nota do que pagou a
Companhia exploradora, Ingloza, da
mina de S. Domingos, no anno de
1886. Do imposto de minas e bem
assim do que a mesma Companhia
pagou sobre o rendimento do fabrico
metalurgico da Achada do Gumo,
Corta do Pinto, e Sant'Anna de Cam-
bas.

A Companhia La Sabina pela mi- na de cobre, em a superficie de 79 —80	3000
De imposto proporcional	6:685\$387
» » fino réis	1\$318
5 0/0 additionaes	334\$335
Sello do conhecimento	140\$420
Somma réis	7:161\$460

Mertola 15 de Maio de 1888.

Antonio da Conceição Infante.

Commentarios.

Laboriosos e arrojados pescadores,
e proprietarios do Chança e Gua-
diana:

Assim estendeis a mão á caridade
pública, e vós deixaes morrer de fo-
me e vossas familias, vendo-vos for-
çados a emigrar de vossas povoações
tanto os da margem do Guadiana, da
parte do Alemtejo, como do Algarve,
e os da Andaluzia?

E o vosso dever?

E o vosso protesto?

E o vosso direito e de vossas fami-
lias?

Acaso julgaes que o potentado tem
consciencia? Suppondes por ventura
que o abuso, uma vez estabelecido,
será coartado pela propria vontade
do que abusa? Ou soes doidos ou
patetas, credel-o.

Cidadãos: reunam-se para repre-
sentar fazendo conhecer ao Estado a
sua cruel e assassina benevolencia,
que tanto mal tem causado a uma
lavra feita com a maior ambição
pecuniaria, e que é um dos maiores
abusos da auctoridade monarchica,
que á nos annaes da historia.

Pois não teem deputados e jornaes
independentes, e que se prestam da
melhor vontade a fazer até onde che-
garem suas forças?

De á muito que vós comprehendeis
que não tendes deputados e auctori-
dades governamentais, que vos pres-
tem o auxilio para debellar o cruel e
matorador mal que tanta victima da
fome produz no Alemtejo e Algarve,
tratando só do seu estomago e bolso.
Assim, pescadores e proprietarios

supportaes os horrores da fome, ten-
do, para em parte remediar o mal, de
deixar a nossa querida patria! E'
horrivel!

Pois valerá mais um mineiro, que
um pescador, ou o pobre proprietario,
e tambem deverá ter mais direito a
viver bem?

Que o digam os cidadãos illustres
e livres pensadores, e independentes,
por que o pescador, e o pobre pro-
prietario vive, e produz para o mi-
neiro, e o mineiro com a mais ferve-
rosa ambição de dinheiro, mata o
pescador e o proprietario como está
acontecendo no Chança e Guadiana,
e a elle proprio, como acontece nas
minas de cobre na visinha Andalu-
zia (Hespanha). E o Estado da mo-
narchia dá mais valor aos 7:161\$460
réis que ao merito do pão quotidiano
de tantas familias que andam envol-
vidas na miseria do Guadiana!

Não, não pode ser.

E' necessario que a vossa voz se
faça ouvir bem alto, tão alto que
chegue aos degraus d'esse carunchoso
throne, onde se senta um anjo de
caridade! E' necessario que os que
não passam fome, vivendo á nossa
custa, comprehendam d'uma vez o
que somos e o que são.

Rogo, tanto ao sr. Ferreira d'Al-
meida, como ao sr. Roque Féria, ou
a qualquer individuo livre e indepen-
dente, para, se conhecer bem a fundo
a questão ou se comparar o rendi-
mento da mina de cobre de Cambas,
com os prejuizos causados pelas suas
aguas mineiras sahidas tanto do ja-
zigo da mina como da fabrica metal-
lurgica, que distam de dois a tres
kilometros, exponham o que em jus-
ticia devem.

No *Seculo*, n.º 2:267, de maio de
1888, diz-se que o sr. Almeida se
pronunciou pela protecção a dar ás
industrias matallurgicas nacionaes;
que s. ex.ª não esqueça a promessa,
esperamos e desejamos.

Esperamos meu caro redactor, fia-
dos em sua independencia de cácar-
têr, que dirá com desassombro tudo
quanto seu bom criterio lhe dictar.

J. S. C.

No proximo numero commentare-
mos as noticias de subido valor, para
a questão do Guadiana, que nos for-
nece o nosso amigo J. S. C.; nada
se perde com a demora.

ROQUE FÉRIA.

Caminho de ferro do Algarve

Noticiam alguns collegas que, no
dia 3 de julho deve ser aberto á ex-
ploração a primeira secção do cami-
nho de ferro do Algarve, estando
muito adeantados os trabalhos res-
tantes.

Oxalá e ainda mais uma vez, não
sejamos illudidos. Tem havido tanta
blague!

O S. João

Está á porta o alegre S. João, e
como no anno precedente, tambem
est'anno teremos festas na praça da
Constituição e ruas circumvisinhas,
promovidas por um grupo de rapazes
que encarnam em si o brio, o bom
senso e sobre tudo o bom gosto para
estes inofensivos e bemquistos diver-
timentos.

Que levem ao fim a missão que se

impozeram, e que sejam mais felizes
que os iniciadores d'estes regosijos
públicos, é o que deveras desejamos.

Pois aqui vive-se!..

Contaram as folhas palacianas que
Sua Magestade a Rainha, na sua ida
ao Porto, visitando um d'esses im-
mundos casebres que abundam na
cidade invicta, exclamara:

—Pois aqui vive-se!..

Esta phrase, reproduzida por to-
das as gazetas, a admiração que a
sr.ª D. Maria manifestou ao deparar-
se-lhe um drama de miseria, é a
maior condemnação d'este regimen
vil, em que uns folgam e riem, e
outros arrastam a custo a sua pesada
cruz.

A sr.ª D. Maria Pia, creada no
fausto e na grandeza, entre porcel-
lanas de Sévres e marmores de Car-
rara, sedas e velludos os mais ricos,
riquezas as mais raras, costumada a
receber no seu real palacio a alta
aristocracia, toda ornada de joias e
diamantes, admirou-se porque na sua
perigração ao Porto, se lhe de-
parou um quadro miserando.

—Pois aqui vive-se!

Sim, real magestade, vivia-se n'a-
quelle antro, como em tantos outros,
espalhados por todo o paiz.

Para ver a miseria, o desconforto,
não era preciso ir á invicta cidade.

Aqui, na capital do reino passam-
se diariamente scenas de dor.
Se vossa magestade, em lugar de
sahir do seu palacio unicamente para
as recitas de S. Carlos, as corridas
do sport, e a procissão do *Corpus
Christi*, percorresse um dia a pé as
viellas sujas e tortuosas do bairro
d'alfama, se penetrasse em muitas
d'aquellas habitações, e ouvisse as
confidencias de tanto desgraçado,
morto de trabalho e sem ter ao me-
nos o sufficiente para a sua alimen-
tação, vossa magestade diria tam-
bem, como o disse no Porto:

—Pois aqui vive-se!..

Se vossa magestade, n'um dos dias
em que se dirige á igreja da Graça,
a beijar o pé do Senhor dos Passos,
fosse mais longe um bocado e pene-
trasse n'uma immundicie enorme a
que chamam o palacio do conde de
Soure, teria tambem muito que ad-
mirar.

Vivem ali centenas de familias,
n'uns antros escuros e nojentos, que
protestam contra a existencia, na
capital do reino, d'uma commissão
de hygiene.

N'aquellas casas nunca entrou se-
quer uma nesga de sol.
O rei dos astros nunca foi levar
alegria áquellas creanças, consolação
aos adultos.

Parando á porta de tão feias man-
sardas, a gente fica na duvida se
aquillo são casas de habitação ou
covis para hyenas.

Nenhuma casa tem pia, as immu-
dicias guardam-se cuidadosamente du-
rante todo o dia; e só á noite aquel-
las centenas de familias veem ao pa-
teo, fazer os seus despejos.

A atmosphera fica então impre-
gnada d'uns cheiros altamente noci-
vos á saúde, e toda a noite, os des-
graçados habitantes do palacio do
conde de Soure, aspiram aquelle per-
fume.

Se vossa magestade visse tudo isto,
se fosse capaz de penetrar em tão

nojentos covis, com corteza que diria
profundamente enojada:

—Pois aqui vive-se!

Se n'um desses dias em que o sol
põe reflexos dourados nas folhas das
arvores da Avenida, o passeio favo-
rito do *gran monde*, vossa magesta-
de entrasse n'esse symbolo da geren-
cia regeneradora — a Penitenciaria
de Lisboa — e visse ali, atravessando
os claustros, envoltos n'uma serapi-
lheira e com a cara tapada, sem o
direito de poderem dizer uma só
palavra, os desgraçados a quem as
más companhias, a falta de educação,
os instinctos, um momento de cegueira,
lançaram no lodaçal do vicio e do
crime, vossa magestade, se sente
as dores alheias, se tem coração pe-
rante as grandes misérias da vida,
havia de exclamar:

—Pois vive-se assim!

Podiamos citar-lhe mais quadros
eguaes a estes, lembrar-lhe a grande
miseria que lavra não só aqui, em
Lisboa, não só além no Porto, mas
em todo o paiz.

Nas villas da invicta cidade, nas
viellas d'Alfama ou no palacio do
conde de Soure, não se vive: cami-
nha-se para a cova.

As camaras municipaes, os gover-
nos, as commissões de hygiene, nun-
ca se importaram com aquelles focos
de infecção.

E no entanto, discutem-se assump-
tos que nenhuma importancia teem.

Se nós hoje, nas columnas d'esta
folha, fizessemos um appello a toda
a imprensa da capital para que er-
guesse a sua voz a reclamar a demo-
lição do indecente pardieiro erguido
n'um dos sitios mais amenos de
Lisboa, nenhuma folha corresponde-
ria a esse appello.

E' porque a politica de corrilhos
vale mais, para a burguezia jorna-
lista, do que estes assumptos que
interessam ao proletario.

Por ultimo, diremos á sr.ª D. Ma-
ria Pia:

A miseria existe em toda a parte
onde vive o operário, em toda a parte
onde o capital explora o trabalho.

Aonde não existe é nos paços
reaes, nos palacios dos embaixadores,
dos ministros, dos altos figurões da
aristocracia, da chusma de parasitas,
que nada fazem e sugam até o ulti-
mo ceitel dos que trabalham.

E' contra esta desigualdade, para
não lhe chamarmos roubo, que nós
protestamos; é contra ella que nós
temos sempre pugnado.

VIRGILIO CRESPO.

LITTERATURA

A gruta dos namorados

(LENDA)

Apenas Jayme acabou de pronun-
ciar estas vehemettissimas phrases,
um trovão horrivel retumbou na
gruta e foi repercutido pelos echos.
A castellã horrorisada cahiu nos
braços do mancebo.

—Meu Deus! exclamou ella toda
tremula.

—Não temas, disse Jayme. Horri-
vel tempestade acaba de rebentar;
porem nós abrigados no mais recon-
dito d'esta gruta, esperamos tran-

quillos que no ceu se dissipem as
nuvens, e que o mar, impetuoso
n'estes momentos, aplaque a sua
furia.

N'esta occasião segundo e mais
horrivel trovão souou com tal estrepito,
que gelou nas veias dos dois
amantes o seu ardente sangue.

—Saíam nos! Saíam nos d'aqui, Jayme!
bradava Branca. Não ouves bramir
com sinistra furia, quasi á entrada
d'esta mansão luctuosa, as bravias
ondas do oceano? Não ouves sibilar
tectricamente o furacão? Não offusca
a tua vista o fulgor sinistro de mil
relampagos que cruzam implacaveis
a atmosphera? Oh! partamos! parta-
mos depressa!

Ainda Branca não acabara de pro-
ferir estas palavras, e já impetuosa
onda penetrava na gruta, estendendo
as espumas, como branco sudario,
aos pés dos dois amantes, que pos-
suidos de horrivel panico, se abraça-
vam mais estreitamente.

Aquella immensa onda seguiu-se
outra mais impetuosa, em seguida
outra, e por fim os dois amantes
viram que o mar enchia furioso a
gruta onde se haviam refugiado.

E' impossivel descrever o que en-
tão se passou n'aquelle momento de
suprema desesperação.

Era a hora de preamar, e a agua
subia com vertiginosa rapidez a at-
tingir o seu limite marcado pela na-
tureza, ou a tempestade ainda, im-
pellido pela tormenta, Branca
va-se desmaiada nos braços do aman-
te; enquanto que este, com desafora-
dos gritos, clamava umas vezes ao
ceo piedade e misericordia, outras
vezes desesperado e fóra de si, pro-
feria blasfemias e maldições tremen-
das.

—Branca, minha Branca! Des-
maiada... maldição!

E depois por uma d'essas transi-
ções rapidas, naturaes em todos os
temperamentos nervosos, e ás almas
christas quando se acham nos tran-
zes da morte, exclamava:

—Meu Deus! Tem compaixão
d'estes teus servos felizes! Já que-
brilhas no mundo pela tua infinita
misericordia mais que pelo teu po-
der sem limites! Se não a mim,
miserrimo peccador, salva pelo me-
nos a minha pobre Branca, a luz dos
meus olhos, a alma da minha alma.
Salva-a, meu Deus! Salva-a d'esta
horrorosa morte!

Mas a tormenta, longa de dimi-
nuir, cada vez era mais furiosa, e o
mar avançava a possos agigantados.
Chegava já a agua aos joelhos dos
dois amantes, quando Jayme, deses-
perado, levantou nos braços o corpo
inerte da donzella, e com aquella
preciosa carga, encaminhou-se deno-
dado e resolute para a saída da
gruta.

Desconhecendo o terreno, apenas
deu alguns passos n'aquella dire-
ção, tropeçou n'um rochedo. Fal-
tando-lhe então o equilibrio, e en-
volto n'um mar de espumas, o seu
corpo é submergido pelas ondas que
o trazem e levam aqui e alli com
indizível impeto.

Já as angustias da morte começa-
vam com o seu gelido terror a apos-
sarem-se-lhe do espirito; já os seus
olhos intumescidos pela asphixia iam
perdendo o fogo da vida; já elle se
encontrava quasi frente a frente com
a eternidade, quando, sem desanimar,
antes estreitando mais fortemente
contra o peito ancioso o corpo da
amante, elle ergue soberbo a cabeça,

como o leão dos desertos em casos de perigo encrespa e sacode a imensa juba, fita com desvaivados olhos a saída da gruta, e, ferido, magoado, semi-morto, quer transpol-a; mas n'este momento, enorme onda, semelhante a niveo e gigantesco monte, o envolve nas suas garras procellosas e sepulta a ambos nas suas reconditas entranchas.

Aquelle ultimo exforço de Jayme para salvar Branca, tinha sido como a viva luz d'uma lampada proxima a extinguir-se, como as vermelhas reverberações ultimas do sol no occaso.

Na noite seguinte a esta terrivel scena, a lua, esplendida de luz, brilhava como poucas vezes no co-soreno, confirmando assim a fria indifferença com que a Natureza olha as penas e luctas que mortificam e corrompem a vida humana.

Nem uma só nuvem sombreava aquelles horisontes, quasi sempre brumosos e tristes. Ligera brisa encrespava levemente o mar tranquillo. Na praia, grande numero de soldados e aldeões rodavam os cadaveres dos dois amantes, estendidos sobre a areia.

O conde encontrara, depois de muitas pesquisas os cadaveres de sua filha e de Jayme.

Trasladados estes para o Castello, depois de effectuadas em sua honra sollemnes exequias, foram depositados juntos sobre o cumo do nefasto penhasco, em humilde sepultura, cujos cimentos as vagas beijam amorosamente durante o periodo annual das altas marés.

A noticia d'este facto horroroso correu com a rapidez do raio e foi por muito tempo o assumpto das conversações entre os aldeões.

Desde então a Rocha Negra, objecto de tantas crenças supersticiosas, engendradas na imaginação popular pelo fanatismo da Edade media, ficou conhecida pela denominação de: — *Gruta dos Namorados*.

Alcino Antunes.

Saudade

(A' MEMORIA VENERANDA DE D. MARIA JOSE COSMELLI)

Fez hoje, 27, um mez que os restos mortaes da que em vida foi modelo exemplarissimo de virtudes, baixaram á cova; faz hoje, 27, um mez que a implacavel *Parca*, monstro horrendo e inexoravel, nos roubou um dos entes a quem n'este mundo de miserias, amavamos, como se ama a virtude, como se póde amar a mãe extremecida cujos carinhos recebemos desde o berço! Ha um mez que o nosso coração soffre dolorosamente, que a nossa alma veste crepes, que os nossos olhos derramam lagrimas sentidas e que todo o nosso ser como que parece insensivel ao bulicio da vida!

E' que o ente, cuja falta sentimos, era privilegiado, como mãe, como esposa e como filha; é que a virtude, e a humanidade não podiam encontrar mais digno representante; é que o sentimento do bem, a grandeza d'alma e a caridade perderam em D. Maria José Cosmelli um raro exemplar.

Nós que de perto conheciamos o coração bondosissimo da virtuosa finada, que por muito tempo foi tanto como nossa mãe, nós emfim que tudo lhe deviamos, vimos hoje, prestar-lhe a derradeira homenagem de admiração pelas suas virtudes, e respeito pela memoria veneranda.

Hoje que faz um mez que desapareceu d'entre nós, hoje também vimos depor sob a campa que esconde os seus restos mortaes, uma saudade como symbolo dos sentimentos inextinguiveis que avassallam nossa mente, regando com lagrimas de pezar mfinido a sepultura de tão querido ente.

Descance em paz a virtuosa senhora, durma para sempre, que nós sempre choraremos a perda.

Lisboa, — 27 — 5 — 88.

Viegas Junior.

Methodo d'ensino

Diz o nosso collega de Lisboa, *A Crença Liberal*, que em Tavira se publica um *methodo d'ensino da lingua franceza*, recommendavel pela novidade, e de que é auctor o illustrado professor sr. Augusto Carlos d'Almeida.

Sentimos que o importante facto a que allude o nosso collega, nos passasse desapercibido, pois muito prazer teriamos em prestar homenagem ao talento do illustre e erudito pedagogo.

CHRONICA DA CAPITAL

Lisboa, 25 de Maio de 1888

Na nossa ultima chronica, narravamos os conflictos parlamentares succedidos. Presentemente reina a paz em Varsovia.

O governo tem a habilidade de domar os impetos opposicionistas, todas as vezes que lhe apraz. Esta indecente politica de accordos, que para ali se está patenteando, é a prova evidente de que os partidos monarchicos, valem todos o mesmo.

O proprio sr. João Arroyo, que, n'um momento de indignação, ao ver-se vilmente atraído pelos seus proprios correligionarios, se despedira do partido regenerador, declarando irrevogavel a sua determinação, voltou a servir debaixo das ordens do sr. Antonio de Serpa.

Está tudo tranquillo, pois, nos arrayaes politicos; e a palavra irrevogavel, segundo o procedimento dos srs. Francisco de Campos, vice-presidente da camara, e do sr. João Arroyo, passou a ter nova significação.

O primeiro, em officio dirigido á camara dos deputados, declarava entregar o seu diploma, e que era irrevogavel tal procedimento; o segundo, também irrevogavelmente, declarou abandonar a serpia.

Pois lá estão ambos; um, sentado na sua cadeira de deputado, o outro manobrando ás ordens do sr. Lopo Vaz, o *leader da opposição* regeneradora.

A que baixesas e indignidades obriga esta indecente politica de corrilhos!

Falleceu na terça feira ultima, sepultando-se hontem, o sr. dr. Trigueiros de Martel, um dos proprietarios e redactores do *Seculo*.

O enterro foi realisado civilmente, incorporando-se n'elle homens de todos os partidos, pois que o finado se relacionava com todo o elemento burguez.

Somos d'aquelles que lamentamos também a morte do dr. Trigueiros de Martel.

Homem ainda novo, possuidor de riqueza, casado ainda ha pouco, a sua morte inesperada entristece-nos.

Como politico, não o podiamos vêr. Se tem havido no partido republicano individuos inconstantes, sem firmeza de principios, sem dignidade politica, Trigueiros de Martel era um d'elles.

Sem estudar o problema politico ou economico, sem a energia e a força de vontade de que carece um revolucionario, elle oscillava consecutivamente entre o opportunismo e o radicalismo.

Os seus artigos d'hoje, artigos sem sciencia, sem criterio, eram a negação dos principios que elle proclamara nos artigos d'hontem; assim como os d'hontem, era a negação dos anteriores.

De oscillação em oscillação, a perguntar quasi ás turbas para onde havia d'ir, elle acabava sempre por ser levado, qual *bébé* inexperiente, pela chusma dos intrigantes.

A morte de Trigueiros de Martel pode ser sentida por aquelles que o estimavam como homem tratavel e lhano.

Na politica republicana, devemos confessar-o com a maxima franqueza, não deixou o mais pequeno vácuo: nem no campo dos opportunistas, nem no nosso campo — o dos radicacs.

Trigueiros de Martel fora falado unica e simplesmente para gosar da riqueza que herdara, Arremessando-se na politica, cada palavra sua, cada artigo, equivaliam a um *fiasco*.

Foi esta sempre a opinião que formámos do fallecido redactor do *Seculo*. Esta opinião foi sustentada sempre, com altivez, na imprensa.

Emquanto nós procediamos assim, franca e lealmente, os redactores do *Seculo* faziam por ali uma troça descabellada do seu collega.

O sr. Alves Correia, ouvimos nós uma vez, n'um estabelecimento da rua Nova da Palma, em conversa com alguns correligionarios metter a ridiculo o sr. Martel. Na redacção, eram risadinhas, apertos de mão, tudo o que a sabujisse pode inspirar ao mais indecente garoto.

E' bom lembrar estes factos, para que toda a gente conheça a falta de pundonor e de brio d'essa sucia que no *Seculo* faz a sua interesseira propaganda.

Demittiu-se de membro da camara contituente do partido republicano, o sr. dr. Magalhães Lima. Parece que motivou esta determinação, o facto de ter sido insultado em plena sessão pelo sr. dr. Theophilo Braga, que, n'esta tendencia ultimamente manifestada em aggreirir tudo e todos, nos está parecendo o *Remecido* do partido republicano.

Será bom que não se lhe metta em cabeça aggreirir-nos também a nós, como ha alguns mezes, n'uma sessão publica aggreidia d'uma forma indecentissima, um nosso presado collega da imprensa radical, que não estava presente.

Será bom que se acantele, sr. doutor, porque santos do pé da porta não fazem milagres, e eu tenho a infelicidade de o ter por visinho.

Esta sahida do sr. Magalhães Lima vem provar que os lobos já se devoram uns aos outros.

O *Combate* tem a satisfação de poder afirmar publicamente, que não tem a minima responsabilidade n'essas intrigas de soalheiro, que trazem desavindos os chefes republicanos.

Se somos nós, os radicacs, os elementos de desorganisação, como os senhores apregoam, porque motivo, na camara contituente, depois de terem sahido todos os elementos do nosso grupo, as sessões são preenchidas com dichotes e com insultos?

Decididamente, os *chefes* estão lavados. Agarrem n'elles e mettam-os em Rilhafolles, que praticam uma obra de caridade.

Um nosso amigo e correligionario escreve-nos uma carta em que chama a nossa attenção para uma noticia d'um periodico radical, em que exaltando se os nossos presados amigos Christo e Arriaga, não ha uma palavra sequer para a tenacidade e dedicação de Carrilho Videira, Teixeira-Bastos, Mello d'Azeredo e tantos outros.

Temos a advertir ao auctor da attentiosa missiva que, nenhum d'estes batalhadores, que com tanto interesse e abnegação, tem pugnado pelos verdadeiros principios republicanos, carece de encomios, ou de elogios pomposos.

Elles só aspiram ao applauso da propria consciência; e é essa que lhes diz, que elles, guerreados infamemente, atraídoos por tantos a quem estenderam a mão, tem tido sempre a altivez e hombridade precisas para seguirem o caminho da legalidade.

O que podemos assegurar também é que na imprensa radical não ha a mais pequena divergencia, em questões de principios. E' isso o essencial.

O nosso collega *O Syndicato* refere-se, no seu ultimo numero a uma invenção d'um modesto artista, o sr. Domingos da Silva Pereira. Já antes de lermos semelhante noticia, a ex.^{ma} sr.^a D. Angelina Vidal nos fallara, com verdadeiro enthusiasmo, nas aptidões artisticas d'este modesto filho do povo.

Trata-se d'um apparelho salvavidas, que se pode levantar á altura de 25 metros e por onde pode descer qualquer pessoa, sem o minimo risco.

O sr. Pereira, cuja profissão é canfeiro, tem-se occupado na construção do modelo, que deve ser exposto na proxima exposição industrial; e, com uma paciencia verdadeiramente espantosa, tem feito todos os trabalhos de ferreiro, marceneiro e carpinteiro, com uma perfeição inexcusable.

Aberta a exposição industrial, e podendo examinar o apparelho exposto pelo sr. Dinnings da Silva Pereira, diremos d'elle o que for de justiça.

O que não podemos, desde já, é deixar de felicitar quem tão dignamente honra a arte portugueza.

Morreu o par do reino Antonio Barreiros Arrobas. Fôra governador civil, ha alguns annos, tornando-se celebre pelo furor que desenvolveu em perseguir a *hydra* republicana, — esta pobre hydra, que hoje, com os Consiglieri, Elias e Theophilos, já nenhum recebe causa aos partidos monarchicos. No seu furor, chegara a prohibir que os realejos tocassem a *Marselheza*!

A Companhia das Aguas, cuja preocupação constante tem sido a expolição, e que se tem constituído um verdadeiro Estado dentro do Estado, determinou agora um novo processo relativo ás avenças.

Esse processo cifra-se no seguinte: — dar menos agua, ao consumidor, por mais dinheiro!

Como vêem, a perspectiva é seductora!

E' preciso que o povo proteste severamente contra este systema do *posso quero e mando*, da Companhia das Aguas.

Já que o governo não sabe cumprir com os seus deveres, o povo que ponha cobro á odiosa exploração das grandes companhias.

O sr. D. Luiz, impressionado com a grave doença do imperador do Brazil, mandou celebrar preces pelas melhoras do augusto enfermo.

Se as preces servissem para alguma cousa, não sabemos quem precisaria mais d'ellas: — se o imperador do Brazil ou o rei de Portugal.

O parlamento tem-se occupado insistentemente d'umas affirmações feitas na camara dos communs, em Inglaterra.

Os nossos *fieis aliados*, não contentes com o que já nos tem roubado, procuram ainda pôr em duvida os direitos que nos foram reconhecidos pela conferencia de Berlim.

Os inglezes sempre procederam assim. São umas verdadeiras aves de rapina!

Houve no domingo, em Almada, sério conflicto entre a tropa e o povo. A brutalidade d'um soldado, foi a causa do tumulto.

Atiraram se pedras, houve carga de bayoneta, e realisaram-se algumas prisões.

O conflicto parecia ter serenado, quando o nosso correligionario, o sr. Silveira Junior, dirigindo-se ao sargento da guarda para lhe pedir amigavelmente que pozesse em liberdade os individuos que tinham sido presos, recebeu um tiro á queima roupa, disparado por uma das praças do destacamento.

A força foi rendida, e recolheu ao quartel debaixo de prisão.

Emquanto ao sr. Silveira Junior, fallecia na terça-feira, enterrando-se ante-hontem.

Era um rapaz de 28 annos, geralmente estimado pela população d'Almada.

O seu enterro foi civil, ao que se quiz oppôr o masnarrro da localidade, chegando a requisitar o auxilio da força, ao que as auctoridades tiveram o bom senso de não aceder.

Abria o prestito a *Associação Artistica Almadense*, com o estandarte velado; seguia-se o caixão, os convidados, e a phylarmonica *Incrível Almadense*.

Calcula-se o acompanhamento em mais de 1:000 pessoas.

O que é preciso agora é que os tribunaes militares castiguem com severidade o auctor d'este barbaro assassinato.

Na camara dos deputados, os srs. Consiglieri Pedroso e Elias Garcia continuam mudos e ledos.

O partido republicano pode limpar as mãos á parede com os dois deputados que elegeu.

Com respeito ao sr. José Elias Garcia, diremos que um periodico da provincia se referia ha dias ás suas inalteraveis convicções republicanas.

Como se falseia a verdade! Temos aqui presente a copia d'uma acta do centro Republicano de Lisboa, de 1879.

Essa acta insere uma declaração do centro republicano da travessa d'Assumpção, para a qual chamamos a attenção dos leitores.

Eis a declaração:

«O Centro Republicano da Travessa da Assumpção declara que accetta a colligação, mas que o seu chefe, o sr. José Elias Garcia accettará a candidatura que o partido regenerador lhe offerece pelo circulo 95.»

Para mostrar a coherencia do sr. José Elias, publicaremos ainda mais documentos.

Tem estado gravemente doente, a esposa do nosso amigo Antonio de Sousa, um distincto soldado do partido radical, e um dos nossos mais sinceros e dedicados amigos.

Desejamos as melhoras da enferma.

VIRGILIO CRESPO.

Jusuitismo

Esta maldita criação d'um espirito doentio e perverso, vae por tal forma alastrando-se no nosso organismo social, que é preciso, é de urgente necessidade mesmo, unir fileiras e dar-lhes carga forte e feia até conseguir desalojar-os das posições que occupam, por traição e covardia dos falsos liberaes que infestam o nosso desgraçado paiz; é fatal o procedimento a seguir, mas não como até hoje, com blandicias, com queixumes de crianças, com choroanigas de meninos mimados.

Para vencer esses malditos que, em nome de Christo, veem lançar a vergonha na familia e a sua destruição, que só pensam em embrutecer a sociedade para melhor poder apossar-se do poder temporal, é preciso mais alguma coisa do que lamentações, mais do que ameaças irrealisaveis, é preciso energicos protestos e se tanto for preciso, a força.

E não nos venham com puritanismos d'uma liberdade mal comprehendida, pois que, n'este ponto somos absolutos. Com o jesuita, seja qual for a sua cathogoria, ou feição, não pode haver benevolencia, não pode mesmo estabelecer-se a legalidade commum. São abutres, demasiado carnivoros, para que possam poupar-se; são mineiros perigosissimos, no estado intellectual do nosso povo, para se lhes permitir regalias.

Pela nossa parte estamos promptos a acompanhar o movimento iniciado na capital, seguido em Setubal, e accette pela imprensa francamente liberal; mas estamos dispostos a acompanhá-lo quando serio, quando coherente, quando util, do contrario nada.

Pela nossa parte temos sempre de prevenção o marnelleiro, e sabemos applical-o convenientemente e com oportunidade.

ROQUE FERIA.

Vende-se um carrinho de 4 rodas para ser puxado por um burro ou cavallo.

Quem pertender dirija-se á administração d'este jornal.

VENDE-SE

UMA morada de casas na Praça da Constituição. Quem pretender dirija-se a José Rodrigues Aragão.

Ourivesaria e Relojoaria

DE

SEBASTIÃO RAMOS
MOURA

TEM sempre um variadissimo sortido de todos os artigos de sua especialidade, fabricados em Lisboa, Porto e Paris.

Compra e vende objectos de ouro, prata e pedras preciosas, bem como recebe encomendas e concertos.

VENDA DE TREM

Vende José Ferreira, de Villa Nova de Portimão, 2 TRENS em bom uso, com duas parselhas e por PREÇO CONVINDATIVO
Quem pertender pode dirigir-se ao annunciante.

CAFÉ LEÃO

JOAQUIM RIBEIRO ALVES, proprietario do novo **CAFÉ LEÃO**, aberto ao publico ultimamente, previne aos viajantes que tiverem de passar algumas horas em Villa Real de Santo Antonio, que, além de todo o serviço de comidas, tanto dentro do estabelecimento como fóra, tem também *Bilhar*, onde o viajante e o publico podem seriamente encontrar entretenimento para as horas d'ocio.

Procurar CAFÉ LEÃO

Villa Real de Santo Antonio

JOÃO LUIZ DA COSTA

BARREIRO

Encarrega-se do transporte de mercadorias entre Lisboa e Barreiro.

Recebe cereaes, azeite e vinho para vender por commissão.

HOTEL PORTIMONENSE

DIRIGIDO POR

JOSÉ ANTONIO MAURICIO

PERVINE-SE aos viajantes que tiverem de passar algumas horas, ou dias, em VILLA NOVA DE PORTIMÃO, que encontrarão sempre todo o serviço indispensavel em estabelecimentos d'esta ordem, o qual muito tem agradado aos seus visitantes, esperando por isso a continuação dos honrados passageiros procurar o HOTEL PORTIMONENSE, em Portimão, Rua da Guarda, e Rua de S. João.

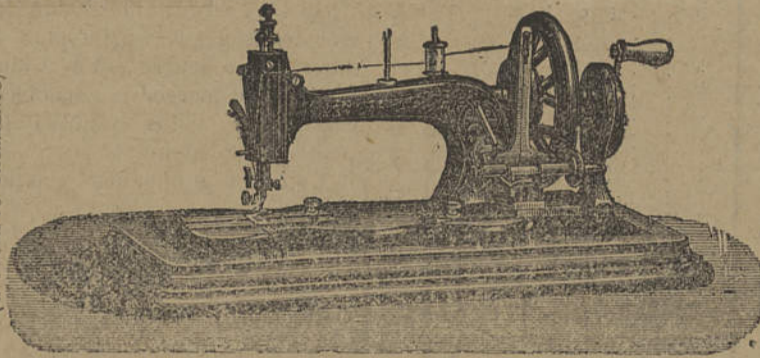
Villa Nova de Portimão

MUITA ATENÇÃO

Além de todos artigos proprios d'um bem fornecido estabelecimento de fazendas, quinquilharias, mercearias, bijouterias e confecções, e deposito de linha preta de negalhos e carros, o annunciante tem:

MACHINAS DE COSTURA

(A PROMPTO PAGAMENTO E PRESTAÇÕES)



MACHINAS PARA SAPATEIROS
(A PROMPTO PAGAMENTO)

VELOCIPEDES E RELOGIOS
(A PRESTAÇÕES)

O ANNUNCIANTE previne o publico que recebeu ultimamente, e estabeleceu deposito permanente de machinas de costura e para sapateiros, diferentes modelos, tendo entre ellas a celebre MACHINA MEMORIA, a mais perfeita e bem acabada de todas as machinas, que reúne a uma solidez a toda prova, uma perfeição sem igual, podendo affiançar-se que NÃO TEM RIVAL nas machinas conhecidas até hoje.

Tem também MACHINAS DE FAZER MEIAS, as quaes dão um maravilhoso resultado, pois pode uma mulher fazer de 30 a 36 pares de meias por dia. Vendem-se a

PROMPTO PAGAMENTO OU A PRESTAÇÕES

E CONCERTOS GRATIS.

N'este estabelecimento, além dos artigos annunciados encontram-se hoje á venda grande variedade de RELOGIOS E VELOCIPEDES, que fornece para qualquer ponto da provincia.

O publico que visite o estabelecimento se quer certificar-se da verdade.

L.A.G.O.A.

DOMINGOS FÉRIA

LOJA DO POVO

PEDRO FÉRIA RODRIGUES, bem conhecido proprietario da **LOJA DO POVO**, em VILLA NOVA DE PORTIMÃO, previne os seus numerosos freguezes em especial e em geral ao publico, que recebeu ultimamente um variadissimo sortido de LOUÇA INGLEZA, do mais fino gosto e qualidade, tendo MEIOS SERVIÇOS para jantar com 90 PEÇAS: meios serviços para chá com 18 peças; chavenas desde 1\$200, a 2\$000 réis a duzia; Bacias e jarros, GRANDE VARIEDADE, bem como Bules, Leiteiras, etc., etc., tudo de procedencia ingleza.

Além d'estes artigos recebidos ultimamente, chama a attenção do publico para o completo sortido que sempre tem, de fazendas de lã, linho, seda e algodão, entre as quaes especifica: chitas de côr, desde 60, até 160 réis o metro, lindos escoceses a 130 réis o metro, e uma grande variedade em Lãs, Armures, Malhas, Lenços de seda, etc., etc., etc.

O annunciante é ha muito conhecido como O PRIMEIRO BARATEIRO da localidade, e, esperando sustentar os creditos adquiridos, só pede ao publico, que visite o seu estabelecimento ou que lhe dirjam os pedidos á

LOJA DO POVO — PORTIMÃO

FABRICA

DE

Soda Water

Limonada Gazoza Champagne Cidér

E MAIS BEBIDAS

REFRIGERANTES



Villa Real de Santo Antonio

G. JOHNSON & C.^a fabricante de: LIMONADA GAZOZA, SODA WATER, CHAMPAGNE CIDER, e mais bebidas refrigerantes, fazem público que se acha aberta sua fabrica, que, augmentada com novos apparatus, lhe permitem garantir a todos a boa qualidade dos seus productos, bem como estão habilitados a satisfazer, de prompto, todo e qualquer pedido que lhe seja feito, sendo estes dirigidos a

G. JOHNSON & C.^a

Villa Real de Santo Antonio

SERRALHARIA

DOS

DOIS IRMÃOS

LARGO DO TREM

—TAVIRA—

OS bem conhecidos proprietarios d'este importante estabelecimento, satisfazem com pontualidade e perfeição todos os trabalhos relativos á arte, taes como: grades para passeio e outras, atriros, portas, jaulas, fateixas e outras ferragens de barcos e armações, tudo por preços modicos e brevidade.

Em obras d'alguma importancia fazem grandes abatimentos.

CHAPELARIA

DE

FRANCISCO DIAS

N'este estabelecimento, um dos primeiros da provincia, encontrará o publico um variadissimo sortido proprio para todas as estações.

Para a estação presente recebeu pelo Gomes IV, das primeiras fabricas do paiz, colleções de muito bom gosto, tanto em chapéus como bonets, e em quanto a preços o publico sabe bem que são

Chapelaria Moderna

FRANCISCO DIAS

Sem competencia.

Os mais perfeitos productos das bem conhecidas fabricas de Agostinho Roxo, Costa Braga e Real Fabrica Social, encontram-se sempre n'este estabelecimento; empenhando o seu proprietario todos os esforços para bem servir todos quantos o honram com a sua visita.

VER E CREER

CHAPELARIA MODERNA

17, PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO, 17

TAVIRA

ANNUNCIO

MACARIO PIZARRO, relojoeiro e mechanico, residente em Villa Real de Santo Antonio, morador na rua Benedictina, 41 declara que na sua officina se compõe toda a classe de relogios, machinas de cozer etc. etc., e tudo aquillo que tenha relação com a chronometria e mechanica. Também concerta relogios de torres. Todo o trabalho se garante por um anno:

Barateza, nitidez e economia!!!

Tem também deposito de MACHINAS DE COZER E RELOGIOS, que vende a prestações semannas de 500 réis, bem como fabrica de SBÃO de todas as qualidades. Todos os negocios relativos a MACHINS E RELOGIOS são feitos em nome de

MACARIO PIZARRO & C.^a

e os de SABÃO em nome de

PIZARRO MARTINS & C.^a

VILLA REAL DE SANTO ANTONIO, 41, RUA BENEDICTINA, 41